

Você é uma Pérola

Para todos que já sentiram que não se encaixavam

Um livro escrito com o coração

s2026abondance

Índice

Introdução 3

Capítulo 1 — Por que tantas pessoas não se sentem em seu lugar? 5

Capítulo 2 — As crianças diferentes não são um problema 9

Capítulo 3 — O olhar dos outros destrói a confiança 14

Capítulo 4 — O fracasso não é o fim 18

Capítulo 5 — Voltar a se orgulhar de si mesmo 22

Capítulo 6 — Você pode criar o seu próprio caminho 26

Capítulo 7 — Transmitir a liberdade aos seus filhos 31

Conclusão — Você é uma pérola. E agora — voe. 36

Introdução

Há palavras que nunca se esquecem.

Você não tem o perfil. Seu projeto não tem solidez. Isso não é para você. Você não tem capacidade.

Palavras ditas por professores, banqueiros, recrutadores, pessoas queridas — às vezes com indiferença, às vezes com convicção, às vezes até com boa intenção. Palavras que se instalam, que se incrustam, que acabam parecendo uma verdade.

Mas quero te fazer uma pergunta — uma pergunta simples, e ao mesmo tempo vertiginosa:

Esses critérios que decidem quem merece ter sucesso — foram estabelecidos por quem, exatamente?

Quem decidiu que um determinado tipo de sucesso valia mais que outro? Que o caminho traçado pela sociedade era necessariamente o correto? Que o que te disseram para fazer era necessariamente para o que você era?

Não escrevo este livro porque não tive acesso à educação. Fui à escola, obtive meu diploma. Marquei as caixinhas. Fiz o que se esperava de mim.

Mas é isso que compreendi, com o tempo, a perspectiva e a experiência: aquilo não era eu.

Se eu tivesse tido então todos os conhecimentos que tenho hoje — sobre mim mesma, sobre meus verdadeiros desejos, sobre o que me faz vibrar — teria escolhido um caminho completamente diferente. Uma vida mais próxima da terra. Uma pequena propriedade que se integrasse ao seu entorno em vez de impor-se a ele. Criações, projetos, coisas a magnificar com minhas mãos e meu coração.

Não o caminho que me disseram para seguir. O meu caminho.

E é precisamente isso que este livro quer dizer a você:

Ter um diploma não significa ter encontrado o seu lugar. E não tê-lo não significa que você não tem um.

Escrevo este livro para a criança turbulenta que foi rotulada de 'difícil' quando transbordava de energia e criatividade. Para o adulto a quem negaram um empréstimo, um apoio, uma oportunidade — porque não parecia o que se esperava de um 'vencedor'. Para quem tem a cabeça cheia de projetos, mas não os códigos que exigem. E para todos os que seguiram o caminho que lhes foi traçado — e que, certa manhã, perceberam que aquele caminho não era o seu.

Não sou coach. Não sou especialista. Sou simplesmente alguém que passou por isso — que duvidou, que caiu, que se levantou. Que aprendeu, no caminho, a criar suas próprias oportunidades. Que compreendeu que o fracasso não é uma vergonha — é a maior escola que existe. Que olhou para seus filhos nos olhos e decidiu transmitir-lhes não diplomas, mas algo muito mais precioso: a certeza absoluta de que eles têm valor.

Nestas páginas você não encontrará uma receita milagrosa. Encontrará verdades — as minhas, e talvez também as suas. Reflexões sobre esse sistema que nos avalia, nos classifica, nos rotula. Histórias de crianças brilhantes que quase se apagaram. Caminhos de reconstrução para os adultos que foram desanimados. E sobretudo — ferramentas concretas para recuperar a confiança em si mesmo, criar o seu próprio caminho e avançar.

Porque cada ser humano é como um diamante bruto. Não se trata de transformá-lo em algo que não é. Trata-se de olhá-lo sob todas as suas facetas — para revelar o seu brilho, a sua luz, a sua beleza única.

Você é uma pérola. E ninguém jamais poderá tirar isso de você. ■



Bem-vindo a esta jornada. ■

Capítulo 1 — Por que tantas pessoas não se sentem em seu lugar?

Há uma pergunta que muita gente carrega em silêncio.

Não em voz alta. Não nas conversas cotidianas. Mas ali, em algum lugar no fundo — persistente, tenaz, às vezes dolorosa:

Por que não me sinto no meu lugar?

Nem na escola. Nem no trabalho. Nem no papel que esperavam de mim. Nem na vida que me disseram para construir.

Talvez você conheça essa sensação. Esse mal-estar difuso, essa impressão de estar ligeiramente desincronizado com o mundo ao seu redor. De desempenhar um papel que não é realmente o seu. De se agitar em todas as direções para se encaixar em algo — sem conseguir completamente.

E se eu te dissesse que o problema não é você?

O sistema que classifica e julga

Desde muito pequenos, nos ensinaram a nos encaixar em caixinhas.

A escola qualifica, classifica, compara. Os bons alunos de um lado, os demais do outro. Os que entendem rápido — e os que são olhados com preocupação, com impaciência, às vezes com resignação. 'Ele tem dificuldades. Ela é muito lenta. Ele não consegue ficar quieto.'

Como se o valor de uma criança fosse medido pela sua capacidade de se adaptar a um sistema — em vez da riqueza única do que ela é.

A família também transmite suas expectativas. Às vezes com amor, muitas vezes com as melhores intenções do mundo. 'Estude algo sério. Encontre um emprego estável. Não arrisque.' Mensagens herdadas de geração em geração, que traçam um caminho antes mesmo de termos tempo de nos perguntar se é o nosso.

E então há a sociedade — esse grande espelho deformante que nos diz o que significa 'ter sucesso'. Um diploma. Um cargo. Um salário. Uma casa. Uma vida bem ordenada nas caixinhas previstas.

Tudo isso junto — a escola, a família, a sociedade — forma um molde. Um molde que não é mau em si mesmo. Mas que não serve a todo mundo.

E os que não se encaixam? São levados a crer que é sua culpa.

O que a maioria das pessoas faz — e o que custa

Quando você não se sente no seu lugar, não grita para todo mundo.

Você se perde, primeiro. Em silêncio. Perde o fio de quem você é, do que realmente quer, do que te faz vibrar. Você se apaga um pouco. Duvida muito.

Depois busca. Também em silêncio. Tateia, tenta, observa. Busca sinais de uma vida que se parecesse mais com você. Mas muitas vezes sem se atrever a falar — com medo de ser julgado, mal compreendido, ridicularizado mais uma vez.

E às vezes — só às vezes — luta. Resiste. Ousa dizer não ao que esperavam de você.

Mas quantas pessoas chegam até aí? Quantos ficam presos na primeira etapa — perdidos, silenciosos, convencidos de que eles são o problema?

Milhões. E é uma tragédia silenciosa.

O verdadeiro problema — não são as pessoas. É o molde.

Um dia fiz essa pergunta a mim mesma — de verdade:

E se essas pessoas que não se encaixam no molde não fossem fracassadas — mas pioneiras?

E se a incapacidade delas de se conformar fosse, na verdade, uma forma de inteligência? Uma resistência instintiva a algo que simplesmente não lhes convém?

Eu mesma segui o caminho que me haviam traçado. Os estudos, o diploma, as caixinhas marcadas uma a uma. E, no entanto — algo em mim sabia. Algo sussurrava que não era ali que eu devia estar.

Levei tempo para escutá-lo. E ainda mais tempo para acreditar.

Mas hoje sei uma coisa com certeza:

Não se sentir no próprio lugar não é uma fraqueza. Muitas vezes é o primeiro sinal de que alguém aspira a algo maior do que o que lhe foi oferecido.

✦ Exercício — 'Meu lugar, segundo quem?'

• Qual 'caixinha' pediram que você preenchesse — na escola, na sua família, no trabalho? Você aceitou? Por quê?

• Houve um momento preciso em que sentiu que não se reconhecia na vida que esperavam de você? O que aconteceu naquele dia?

• Se você pudesse apagar todas as expectativas dos outros — o que faria com sua vida? Mesmo que seja vago. Mesmo que pareça 'impossível'. Escreva.

Não há respostas erradas. Só existe a sua verdade. E ela merece ser ouvida. ■

Capítulo 2 — As crianças diferentes não são um problema

— são pérolas

Há uma criança que talvez você conheça.

Não consegue ficar quieta. Faz perguntas demais. Sonha quando os outros trabalham. Chora por coisas que os adultos acham insignificantes. Desenha nas margens dos cadernos. Inventa histórias em vez de ouvir a lição. Sente tudo — intensamente demais, rápido demais, profundamente demais.

Na escola, dizem que é difícil. Agitado. Problemático.

Chamam os pais. Preenchem relatórios. Buscam o que há de errado.

Mas e se estivessem buscando no lugar errado?

E se essa criança não fosse um problema a resolver — mas uma pérola a descobrir?

O que o rótulo faz com uma criança

As palavras têm um peso imenso sobre os ombros de uma criança.

Você é bagunceiro. Não se concentra. É sensível demais. Não vai conseguir.

Uma criança ainda não tem as ferramentas para relativizar essas palavras. As absorve. As interioriza. As transforma em certezas sobre si mesma.

E aí é onde começa o verdadeiro drama.

Porque essa criança menosprezada, rotulada, afastada — não desaparece. Cresce. Torna-se adolescente, depois adulto. E carrega consigo, muitas vezes sem saber, tudo o que lhe disseram que era.

Um adulto que duvida de suas imensas capacidades. Que hesita em se lançar porque uma voz interior ainda sussurra 'você não consegue'. Que vai pela vida com uma deficiência invisível — o peso das palavras que lhe colocaram cedo demais.

Já vi isso. De perto. Em mim mesma quando criança. Em meus filhos. Em adultos ao meu redor cuja vida inteira foi marcada, prejudicada, limitada pelo que lhes disseram de si mesmos quando eram pequenos.

E cada vez, meu coração parte.

Porque não era a verdade. Nunca foi a verdade.

A faísca que espera ser acesa

Deixe-me falar de algo que observei — e que não me abandona.

Quando alguém se coloca verdadeiramente no nível de uma criança. Quando deixa os julgamentos de lado. Quando lhe oferece um pincel, uma espátula, massinha, sementes para plantar, uma receita para fazer — e simplesmente diz 'tente, você vai ver'...

Algo acontece.

No início hesita. Olha ao redor, como para verificar que não é uma armadilha. E então tenta. Desajeitadamente no início. Depois com mais confiança. E então — num momento — consegue.

E ali levanta os olhos.

Esse sorriso. Esse brilho. Esse olhar que diz 'consegui. Pude fazer isso. E estou orgulhoso.'

É um dos espetáculos mais bonitos do mundo. E é tão simples de provocar.

Só precisava dar a oportunidade.

O que essas crianças realmente precisam

Não mais caixinhas. Não rótulos mais precisos. Não sistemas de correção mais elaborados.

Precisam que as deixem criar — livremente, sem julgamentos, sem medo de errar. Que ponham em suas mãos tinta, farinha, ferramentas, plantas, instrumentos.

Precisam que alguém se coloque no seu nível — de verdade. Não para corrigi-las, mas para escutá-las.

Precisam que cada pequena vitória seja valorizada. Não as grandes performances. Cada pequeno passo. Cada tentativa. Cada erro superado.

Uma criança a quem se diz 'você errou, ótimo — tente de novo, você vai conseguir' é uma criança que aprende que o fracasso não é um fim.

Imagine quantas vidas teriam sido diferentes se lhes tivessem dito isso. ■

A transmissão da ferida — e como romper o ciclo

Essas crianças que foram rotuladas, menosprezadas, desanimadas — tornam-se adultos que às vezes fazem o mesmo com seus próprios filhos. Não por maldade. Mas porque reproduzem o que receberam. Porque a ferida se transmite, em silêncio, de geração em geração.

Romper essa corrente — é um dos atos mais corajosos e poderosos que um ser humano pode realizar.

E começa com algo simples: olhar para uma criança e decidir ver não o que lhe falta, mas o que brilha.

Porque algo sempre brilha. Só é preciso ter os olhos para ver. ■

✦ Exercício — 'A faísca da criança'

Para você: Que criança você era? Que rótulo lhe colocaram — na escola, na sua família?

• Uma parte de você ainda acredita nisso hoje? Qual é essa crença exata?

• Se você pudesse falar com a criança que foi — o que lhe diria?

Para a criança da sua vida:

• Observe-a fazer algo que gosta — sem intervir, sem corrigir. O que você vê?

• Da próxima vez que ela fracassar, diga: 'Tudo bem ter tentado. Tente de novo — você vai conseguir.' Anote a reação.

• Dê a ela algo para criar livremente — sem instruções, sem modelo. E observe aquela faísca se acender. ■

Capítulo 3 — O olhar dos outros destrói a confiança

— e às vezes, esse olhar vem de quem mais amamos

Muitas vezes falamos do olhar dos outros como se viesse do exterior.

Desconhecidos. Colegas. Companheiros de classe. Pessoas que julgam, comentam, comparam.

Mas há um olhar do qual se fala muito menos. Um olhar muito mais difícil de enfrentar. Porque vem de quem amamos. De quem nos ama.

A família. Os pais. E às vezes — e aí é onde mais dói — nós mesmos, como pais.

O olhar que constrói ou que destrói

A confiança em si mesmo não se constrói sozinha.

Ela se constrói nos olhos dos outros — nos primeiros olhos que nos olham, nos veem, nos reconhecem. Os olhos de um pai que diz 'eu te vejo. Você é capaz. Você é precioso.' Ou os olhos de um pai que, sem querer, transmite seus próprios medos, suas próprias dúvidas, seus próprios limites.

Uma criança que cresce sob um olhar benevolente desenvolve uma confiança natural. Ousa. Tenta. Fracassa sem se partir. Tenta de novo.

Uma criança que cresce sob um olhar crítico, preocupado, ou ausente — mesmo sem violência, mesmo sem intenção de ferir — aprende a desconfiar de si mesma.

A verdade que poucos pais se atrevem a dizer

Vou ser honesta. Completamente honesta.

Desde que comecei essa jornada — o negócio digital, a criação, a busca de novas fontes de renda — compreendi algo que no início me incomodou.

Eu também, às vezes, reproduzo com meus filhos o que já não quero sofrer.

Não da mesma forma. Não com a mesma intensidade. Meus filhos desenham, pintam, dançam com músicas que despertam a alma — e os olho com amor e orgulho. Mas ainda me acontece, apesar de mim, controlar onde deveria soltar. Corrigir onde deveria observar.

Porque eu também sou produto desse sistema. Carrego em mim as marcas de tudo que me transmitiram.

Não é uma vergonha. É uma realidade humana.

Mas reconhecer isso — reconhecer de verdade — já é romper algo.

É talvez o ato de amor mais corajoso que um pai pode realizar.

As humilhações, a rejeição — e o que deixam

As humilhações deixam marcas. Não dizemos isso com suficiente clareza.

Uma criança humilhada pela forma de falar, de se vestir, de pensar, de aprender — essa criança interioriza que sua diferença é um defeito. Que para ser aceita, é preciso se conformar. Calar. Se diminuir.

E o adulto em que ela se torna vai pela vida com uma deficiência invisível. Não falta de inteligência. Não falta de talento. Falta de confiança.

Já conheci pessoas assim. Pessoas de inteligência extraordinária, criatividade transbordante, generosidade rara. Mas paralisadas. Porque em algum lugar, em seu interior, uma voz repete ainda o que lhes disseram quando crianças.

E essa voz mente.

Reconstruir-se apesar do olhar dos outros

A boa notícia — e ela existe — é que esse olhar interiorizado não é definitivo.

Pode ser questionado. Desconstruído. Substituído.

Começa com um gesto simples: notar quando esse olhar se ativa em nós. Quando hesitamos em nos lançar porque uma voz sussurra 'e se você fracassar?' Quando escondemos uma criação com medo do julgamento.

Notar. Nomear. E escolher avançar de qualquer forma.

Porque cada passo dado apesar do olhar dos outros é um passo em direção a si mesmo. ■

✦ Exercício — 'O olhar que me marcou'

- Que olhar mais marcou sua vida? Um olhar benevolente que lhe deu asas — ou um olhar doloroso que as cortou?
- Que voz interior aquele olhar criou? O que ela ainda te diz hoje?
- Essa voz diz a verdade? Se um amigo próximo te dissesse o mesmo sobre si mesmo, o que você responderia?
- Como pai, ser querido, amigo — que olhar você lança sobre as pessoas que ama? Há algo que gostaria de mudar? ■

Capítulo 4 — O fracasso não é o fim

— é a sua maior vitória disfarçada

Nos mentiram sobre o fracasso.

Desde a infância, nos apresentaram como algo a evitar a todo custo. Uma vergonha. Uma prova de incompetência. Um veredicto irrecorrível sobre o nosso valor.

Você fracassou.

Duas palavras. E, no entanto, que peso carregam. Que dor provocam. Que cicatriz deixam.

Conheci essa dor. Não uma vez — muitas vezes. Fracassos que chegaram um após o outro, em âmbitos diferentes, em momentos distintos da minha vida. O tipo de fracassos que, acumulados, acabam abalando não só um projeto — mas algo muito mais profundo.

E o que esses fracassos provocavam em mim — era tudo ao mesmo tempo. A vergonha, primeiro. Depois o recolhimento. A raiva também — contra mim mesma. E o desânimo, no final.

Tudo isso ao mesmo tempo. Simultaneamente. É exaustivo. É pesado. E é tão humano.

O que ninguém nos diz sobre os fracassos múltiplos

Há algo particular no fato de atravessar vários fracassos.

O primeiro, dá para explicar. Relativizar. Mas quando os fracassos se acumulam, algo muda na forma de interpretá-los.

Começa-se a buscar o ponto em comum. E muitas vezes, um se encontra a si mesmo.

Eu sou o problema. Eu sou quem fracassa.

É uma conclusão falsa. Profundamente, perigosamente falsa.

Porque é isso que nunca nos dizem:

As pessoas que mais têm sucesso são muitas vezes as que mais fracassaram. Não apesar dos seus fracassos. Graças a eles.

A transformação silenciosa

Cada fracasso que atravessei me ensinou algo.

Não imediatamente. Não de forma limpa. Não sem dor. Mas com o tempo, comecei a ver o que aquelas experiências me haviam realmente trazido.

Lições valiosas sobre minhas verdadeiras capacidades. Descobertas sobre o que conseguia suportar, superar, transformar. Um conhecimento de mim mesma que nenhuma vitória fácil me teria dado jamais.

E sobretudo — a prova de que havia me atrevido. De que havia tentado. De que havia escolhido viver em vez de assistir dos bastidores.

Cada fracasso é a marca de uma coragem. A prova de que alguém disse sim a algo incerto.

A frase que deveriam ter nos dito

Há uma frase simples. Uma frase que eu teria querido ouvir quando criança, adolescente, adulta cheia de dúvidas.

Você errou — ótimo. Tente de novo. Você vai conseguir.

É tudo. Sem longas explicações. Só essa verdade fundamental: errar é normal, necessário, precioso.

Imagine o que essa frase teria mudado em milhões de vidas. Crianças que não teriam abandonado seus sonhos diante da primeira dificuldade. Adultos que se teriam atrevido a se lançar, uma e outra vez.

Mas não nos disseram. Então eu te digo agora.

Você errou — ótimo. Tente de novo. Você vai conseguir.

Desde que aprendi a ler meus fracassos de outra forma

Desde que me lancei em âmbitos que não conhecia absolutamente — o negócio digital, a criação de ebooks, o copywriting — cometi erros. Ainda os cometo.

Mas hoje, quando me viro e olho para todos esses fracassos acumulados ao longo da minha vida — já não vejo o que via antes.

Vejo uma escola. A mais exigente, a mais honesta, a mais transformadora que existe.

Não apesar deles. Graças a eles. ■

✦ Exercício — 'Meus fracassos, minhas lições'

Pegue uma folha. Divida-a em três colunas.

• Na primeira, liste três fracassos que te marcaram — sem se censurar.

• Na segunda, escreva o que cada um te custou emocionalmente.

• Na terceira, escreva o que cada um te ensinou — mesmo que a lição tenha chegado muito depois.

E para terminar — a pergunta mais importante: Se você não tivesse vivido esses fracassos — seria a pessoa que é hoje?

Capítulo 5 — Voltar a se orgulhar de si mesmo

— o orgulho não cai do céu — se constrói, um passo de cada vez

O orgulho.

Não a arrogância. Não a vaidade. O verdadeiro orgulho — o que é suave, profundo, silencioso. O que diz simplesmente, por dentro: 'estou aqui. Fiz isso. E está bem.'

Muita gente perdeu esse orgulho. Não de uma vez — progressivamente, em pequenas doses. Sob o peso dos olhares, das palavras dolorosas, dos fracassos acumulados.

E um dia, alguém se olha no espelho — e já não sabe muito bem quem é essa pessoa que tem à frente.

Este capítulo é para ela. Para você. Para o momento em que decide se reencontrar. ■

O gatilho — ousar algo novo

Não acordei uma manhã me dizendo 'hoje vou voltar a me sentir orgulhosa de mim mesma.'

O que aconteceu — é que ousei.

Ousei me lançar em algo que não conhecia. O negócio digital, a criação de conteúdos, a escrita — âmbitos que me eram totalmente alheios, que me davam medo, que pareciam reservados a outras pessoas.

E, no entanto — dei o primeiro passo.

Não porque estava pronta. Mas porque algo em mim sabia que se não tentasse, ficaria exatamente onde estava.

Esse primeiro passo mudou tudo.

O que reconstrói o orgulho — lentamente, solidamente

Voltar a se orgulhar de si mesmo não é um destino. É um caminho. E esse caminho é feito de várias coisas — todas simples, todas essenciais.

Parar de se comparar com os outros. É talvez a primeira e mais libertadora das decisões. Sua vida não é uma competição. É uma criação. Única. Insubstituível. A sua.

Aceitar as próprias imperfeições sem vergonha. Olhá-las de frente e decidir que fazem parte de você. A imperfeição não é uma fraqueza. É uma prova de humanidade.

Celebrar as pequenas vitórias. Celebrá-las de verdad. A primeira página escrita, o primeiro capítulo terminado, o primeiro documento finalizado e pronto para ser compartilhado com o mundo — vitórias. Ainda não medidas em números — mas reais, profundas, inegáveis. Porque criar algo do nada, quando nunca havia feito na sua vida — é um dos orgulhos mais puros que existe.

O que alimenta o orgulho cada dia

Hoje, meu orgulho não vem de um só lugar. Vem de todos os lugares ao mesmo tempo.

Vem das convicções que me ancoram. Dessas certezas profundas que construí no caminho — que tenho valor, que minha história merece ser contada.

Vem do olhar dos meus filhos. Esses olhos que me veem avançar, criar, ousar — e que aprendem, sem que eu diga, que é possível.

Vem das minhas conquistas concretas. De cada ebook terminado, de cada página escrita, de cada projeto lançado desde que decidi ousar.

Tudo isso junto. Não separadamente. Juntos.

E cada manhã, um pouco mais — reconheço a mulher que me olha no espelho.

É imperfeita. Ainda duvida. Tem dias difíceis. Mas está orgulhosa. Verdadeiramente orgulhosa. De estar aqui. De ter aguentado. De ter ousado. ■

O orgulho que ninguém pode tirar de você

Há uma diferença fundamental entre o orgulho que você busca no olhar dos outros — e o que constrói por dentro.

O primeiro é frágil. O segundo é indestrutível. Porque não depende de ninguém mais do que de você.

Esse orgulho — ninguém pode tirar de você. É seu. Pertence a você. Cabe-lhe de pleno direito. ■

✦ Exercício — 'Minha lista de orgulho'

- Três coisas que você conquistou e das quais não teria se julgado capaz alguns anos atrás.
- Três qualidades que você tem e que ignorou ou minimizou por muito tempo.
- Uma vitória recente — mesmo pequena, mesmo imperfeita — que ainda não celebrou. Celebre-a agora.

E para terminar: Se a sua criança interior pudesse te ver hoje — essa criança que foi rotulada, afastada, desanimada — o que sentiria ao te olhar? Acredito que estaria orgulhosa. Infinitamente orgulhosa. ■

Capítulo 6 — Você pode criar o seu próprio caminho

— sem diploma extra, sem permissão, sem esperar o momento perfeito

Há uma pergunta que quase nunca se faz — e que, no entanto, muda tudo.

E se eu criasse a minha própria oportunidade?

Não a que me ofereceram. Não a que esperavam de mim. A minha. Construída com minhas mãos, minha cabeça, meu coração.

Durante muito tempo, essa pergunta me parecia inalcançável. Reservada a outros. Não para alguém como eu.

E então ousei fazê-la de verdade. E tudo mudou.

Os obstáculos que pareciam intransponíveis

Antes de me lançar, tinha medo. De tudo. Ao mesmo tempo.

O medo de não ser legítima — 'quem sou eu para criar algo, para pretender ter algo a oferecer?'

O medo de não saber por onde começar — diante de um mundo digital vasto, complexo, que parecia falar uma língua que eu não conhecia.

E a falta de meios — essa realidade concreta, às vezes brutal.

Tudo isso ao mesmo tempo. Um muro que parecia sólido.

Mas é isso que descobri ao avançar de qualquer forma:

Esse muro não era tão sólido quanto parecia.

O que se aprende fazendo — e em nenhum outro lugar

Lancei-me em âmbitos que não conhecia absolutamente.

A criação de ebooks. O negócio digital. O copywriting. O marketing. E alguns anos atrás — deixar o nosso país natal para navegar rumo ao desconhecido, começar de novo em outro lugar, construir uma nova vida a partir de quase nada.

Nada disso era inato. Nada disso estava na minha formação.

Aprendi fazendo. Errando. Recomeçando. Descobrindo, com cada nova habilidade adquirida, que era capaz de muito mais do que acreditava.

As competências não se esperam — se constroem avançando.

Não é preciso permissão para começar

Há algo que muitas vezes esperamos sem perceber.

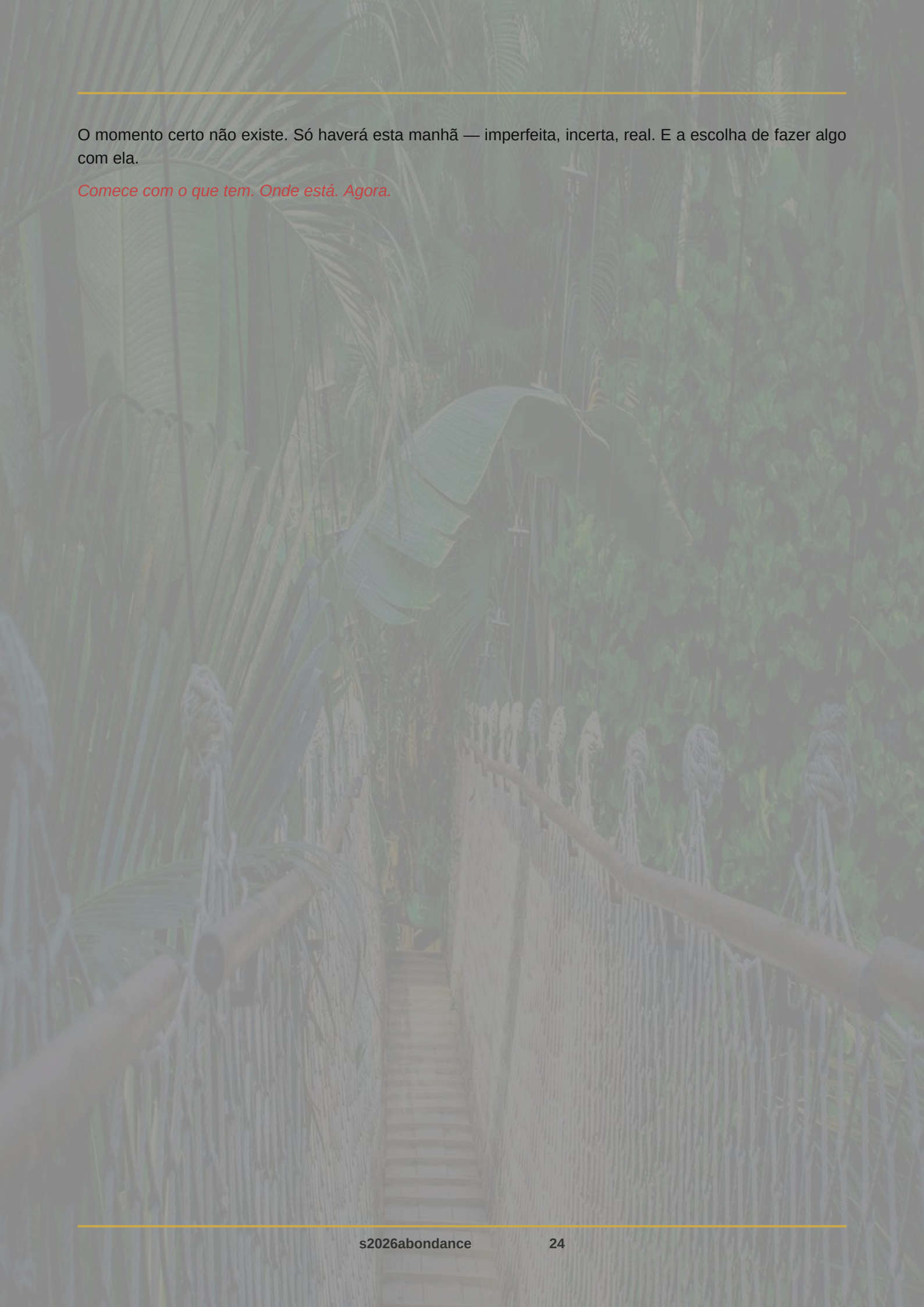
Uma validação. Uma autorização. Um sinal de que é o momento certo.

Mas essa permissão nem sempre chega. E mesmo quando chega, não é suficiente — porque a verdadeira legitimidade não vem do exterior. Vem do que você faz, do que cria, do que ousa.

A única permissão que você precisa — é a sua.

O momento certo não existe. Só haverá esta manhã — imperfeita, incerta, real. E a escolha de fazer algo com ela.

Comece com o que tem. Onde está. Agora.



Fazer o que se ama — o melhor ponto de partida

Quando você faz algo que ama — que realmente ama — algo diferente acontece.

Não conta as horas. Busca naturalmente melhorar. Aguenta nos momentos difíceis porque o que faz tem sentido.

E sobretudo — nota-se. As pessoas notam. Um conteúdo criado com paixão, uma história contada com autenticidade — atravessa a tela, toca os corações.

Aí é onde está o seu valor único. E aí é onde estão as suas oportunidades. ■

Os múltiplos caminhos para a liberdade financeira

A liberdade financeira — essa palavra que ressoa e parece tão distante.

Mas não se parece necessariamente com o que imaginamos. É antes de tudo — diversificar. Não depender mais de uma única fonte de renda. Construir vários pequenos riachos que, juntos, formem um rio.

Um ebook que se vende enquanto você dorme. Um conteúdo que atrai novos leitores a cada semana. Uma habilidade que você monetiza. Uma comunidade que você constrói.

Nada disso se constrói em uma noite. Tudo isso se constrói passo a passo.

E um dia — não tão distante como se imagina — olha-se para trás e percebe-se. Construiu algo. A partir de quase nada. E isso — ninguém pode nos tirar. ■

✦ Exercício — 'Meu próprio caminho'

- O que você faz naturalmente bem — algo que os outros te pedem com frequência, que você faz facilmente onde outros se esforçam?
- O que te apaixona a ponto de poder falar sobre isso por horas?
- Que habilidade você adquiriu recentemente — mesmo pequena — que não teria se julgado capaz antes?
- Se tivesse que criar algo partindo unicamente do que você é e do que ama, o que seria?

Não há respostas erradas. Só existe o seu ponto de partida. E o seu ponto de partida — é tudo o que você precisa para começar. ■

Capítulo 7 — Transmitir a liberdade aos seus filhos

— o mais belo dos legados

Há um momento que nunca esquecerei.

Quando olhei para os meus filhos — de verdade, não só de passagem — e compreendi por que fazia tudo isso.

Não só para mim. Para eles.

Para que quando crescerem, quando se depararem com um obstáculo, com alguém que lhes diga 'você não consegue' — já tenham algo dentro deles. Essa certeza profunda:

Consigo. Vi minha mãe fazer.

A herança que não se escolhe — e a que se decide dar

Herdamos muitas coisas dos nossos pais. Mas também — e isso é talvez o mais poderoso — as crenças. As certezas sobre o que merecemos. Sobre o que é possível. Sobre o que temos direito de sonhar.

Alguns herdam crenças que os elevam. Outros herdam crenças que os limitam.

Essas crenças não se transmitem intencionalmente. Elas se infiltram nos gestos, nos silêncios, nas reações cotidianas.

O que vivo diante dos meus filhos, transmito a eles. Não o que digo. Não o que explico. O que vivo.

O salto para o desconhecido — a primeira lição

Alguns anos atrás, tomamos uma decisão que muitos não teriam ousado tomar.

Deixar o nosso país natal. Começar tudo de novo em outro lugar. Partir para o desconhecido — sem garantias, sem rede, com os nossos medos e os nossos sonhos como única bagagem.

Não foi fácil todos os dias. Houve momentos de dúvida profunda, de esgotamento intenso, de questionamento total.

Mas aguentamos. Avançamos. E hoje — com todas as nossas quedas, todos os nossos medos, todas as nossas imperfeições — estamos orgulhosas de estar onde estamos.

E os meus filhos — viram tudo.

Não viram uma vida perfeita. Viram uma vida corajosa. Uma vida que luta, que duvida, que cai — e que se levanta.

Essa é a primeira lição que lhes transmiti. Antes mesmo de decidir conscientemente.

O que transmitimos vivendo

Quero mostrar-lhes que tudo é possível — não dizendo, mas fazendo.

Criando meus ebooks em casa. Aprendendo copywriting sem tê-lo estudado. Lançando um negócio digital partindo do zero. Escrevendo livros que nunca acreditei poder escrever.

Também quero dar-lhes ferramentas concretas. Deixá-los cozinhar, criar, pintar, dançar, construir, plantar, inventar. Expô-los a outras culturas, outras formas de viver, outras formas de pensar.

E sobretudo — deixá-los descobrir quem são. Sem forçar. Sem projetar neles o que eu não pude realizar.

Oferecer-lhes o que eu nem sempre tive — a liberdade de ser plenamente eles mesmos.

Os três presentes mais preciosos

Se eu tivesse que resumir o que quero transmitir aos meus filhos em três coisas — só três — seriam estas.

A resiliência. Saber que as provas não são finais. Que se pode cair, chorar, duvidar — e se levantar. Que cada dificuldade superada deixa algo precioso: uma força que não se sabia ter.

A criatividade e a curiosidade. Conservar esse espanto de criança que vê o mundo como um terreno de exploração infinito. Criar mais do que sofrer. Inventar mais do que esperar.

A confiança nas suas capacidades. Essa convicção profunda e suave de que têm algo a oferecer. Que a sua diferença é uma força. Que os seus erros são etapas.

Que são pérolas. Exatamente como são. ■

Meu sonho para eles

Sonho em vê-los um dia — os olhos se abrindo ante algo novo. Aquela faísca que aprendi a reconhecer e a valorizar.

Sonho em ouvi-los dizer 'consegui' — não para me fazer feliz, mas para eles mesmos.

Sonho em vê-los ousar — sem se preocupar com o julgamento, sem pedir permissão.

Sonho com uma geração que não se faça mais a pergunta 'mereço o meu lugar?' — porque sempre soube que sim.

E esse sonho — começa agora. Em nossa casa. No nosso dia a dia. Em cada momento em que escolho viver corajosamente diante deles.

É o mais belo dos legados. E não custa nada — exceto a coragem de ser si mesmo. ■

Então aos meus filhos — e a todas as crianças deste mundo que se buscam, que duvidam, que sonham em silêncio —

Desejo que cresçam. Que sonhem grande — rumo à imensidão, rumo ao infinito.

Desejo tudo — ao mesmo tempo, sem limites, sem teto.

Porque vocês merecem. Exatamente como são. ■■

✦ Exercício — 'A carta ao meu filho'

Escreva uma carta para a criança da sua vida — a sua, a que você foi, a que talvez tenha um dia.

Diga-lhe o que quer que ela saiba. O que você teria querido ouvir. O que se compromete a mostrar-lhe — não com palavras, mas com atos.

E comece com estas palavras:

'Escrevo-te esta carta para dizer que você é uma pérola. Que merece ocupar todo o espaço. Que os seus sonhos são válidos. E que farei tudo o que estiver ao meu alcance para te mostrar que a vida — a tua vida — pode ser exatamente o que você quiser que seja.' ■

Conclusão — Você é uma pérola. E agora — voe.

Você chegou ao final destas páginas.

Ou talvez — ao começo de algo.

Porque este livro não é um fim. É uma porta. E você acabou de abri-la.

O caminho que percorremos

Juntos, caminhamos através de verdades que muitos não se atrevem a dizer em voz alta.

Falamos dessas crianças que rotulam, desanimam, empurram para caixinhas que não lhes correspondem — quando transbordam de luz e potencial. Falamos do olhar dos outros — esse olhar que fere, que limita, que corta as asas. Dos fracassos que envergonham antes de fazer crescer. Do orgulho que se perde e se recupera — lentamente, corajosamente.

Falamos de criar o próprio caminho — sem permissão, sem diploma extra, sem esperar o momento perfeito que nunca chega. De transmitir aos filhos não certezas, mas asas.

E ao longo de todo esse caminho — uma só verdade voltava, repetidamente, sob mil faces diferentes:

Você tem valor. Exatamente como é. Exatamente onde está.

O que quero que você leve

Não um método. Não uma lista de coisas a fazer. Não uma fórmula mágica.

Só isso — palavras que eu teria querido ouvir muito antes na minha vida. E que te dou hoje, com tudo o que atravessei, tudo o que aprendi, tudo o que continuo construindo:

Acredite no seu poder. No seu potencial.

Sonhe com a sua melhor vida — e torne-a realidade.

Ame-se. E tudo se realizará. ■

Essas três frases — tão simples, tão profundas — contêm tudo. Absolutamente tudo.

Acreditar no seu poder é decidir que a voz que diz 'você não consegue' não tem mais o direito de conduzir sua vida.

Sonhar grande — rumo à imensidão, rumo ao infinito — é recusar-se a se deixar fechar na mediocridade do que esperavam de você.

E amar-se — amar-se de verdade, com suas imperfeições, suas cicatrizes, seus erros e suas dúvidas — é talvez o ato mais revolucionário que existe.

Tudo parte daí. Tudo volta aí.



Você não está sozinho

Há milhares de pessoas — talvez milhões — que se reconhecem nestas páginas. Crianças que foram rotuladas e se tornaram adultos que duvidam. Sonhadores que foram desanimados. Pais que querem romper uma corrente.

Você faz parte dessa família.

E essa família cresce — com cada pessoa que decide acreditar em si mesma, se lançar, criar, ousar. Com cada criança a quem se olha com benevolência em vez de julgamento.

Juntos, mudamos algo. Não nos discursos — nas vidas.

A pérola que você é

Desde o início deste livro, chamei-te de pérola.

Não por acaso. Não para agradar.

Porque a pérola se forma na escuridão. Na adversidade. Camada por camada — cada prova, cada dor, cada resistência — se constrói. Lentamente. Solidamente. E o que resulta é de uma beleza e uma raridade absolutas.

Isso é você.

Tudo o que atravessou — os olhares dolorosos, os rótulos injustos, as portas fechadas, os sonhos adiados — tudo isso o moldou, pacientemente, para que se tornasse VOCÊ.

E essa pessoa — com todas as suas imperfeições, todas as suas dúvidas, todas as suas feridas ainda sensíveis — é uma pérola.

Rara. Preciosa. Insubstituível.

Uma última palavra — de mim para você

Não cheguei. Estou a caminho — como você.

Ainda duvido. Ainda tenho medo alguns dias. Ainda me pergunto às vezes se estou à altura.

Mas continuo. Porque aprendi — à força de quedas e levantadas — que o caminho mesmo é a vida. Não o destino. O caminho.

E os meus filhos me veem viver. E aprendem, sem que eu diga, que é possível.

É tudo o que queria mostrar-lhes.

Então você — que tem este livro nas mãos — faço-te uma última pergunta.

Não uma pergunta difícil. A mais simples do mundo.

O que você vai ousar fazer hoje?

Não amanhã. Não quando as condições forem perfeitas. Não quando se sentir pronto.

Hoje.

Um pequeno passo. Só um. Rumo a essa vida que merece. Rumo a esse sonho que carrega. Rumo a essa versão de você que espera — desde há tempo demais — que finalmente se confie nela.

Acredite no seu poder. No seu potencial.

Sonhe com a sua melhor vida — e torne-a realidade.

Ame-se. E tudo se realizará. ■

— ■ —

Com todo o meu amor e toda a minha fé em você,

Mana ■■

